

Reitor de Coimbra quer tradição viva

O reitor da Universidade de Coimbra pediu à Academia que não perca tradições que a individualizam «e que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem».

O professor Rui Alarcão, que falava na abertura de jornadas sobre tradições académicas e canção de Coimbra integradas na Queima das Fitas, opinou que estes festejos devem manter o seu esquema tradicional «sem contudo se fecharem a inovações».

Tradição e inovação não são antagónicas, havendo que articulá-las de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio — afirmou o reitor da universidade.

«A capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos» — considerou Rui Alarcão.

Como exemplo de uma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuais citou a canção de Coimbra «que se mantém até pela capacidade de evolução mesmo na qualidade das suas letras».

Ainda sobre o fado coimbrão, o estudante João Granja frisou que um dos objectivos das jornadas é «mobilizar todas as estruturas estudantis para a sua defesa, por se tratar dum valor cultural que nos identifica em exclusivo».

Conciliar a tradição e a evolução

Os professores Aníbal de Castro, Alte da Veiga e Teixeira Santos tiveram intervenções no mesmo sentido, defendendo a vantagem de conciliar a tradição e a evolução «sem receio do sentido pejorativo que por vezes é dado às melhores palavras».

«A tradição torna veneráveis os elementos de cultura que se afirmaram como valores e dela só se deve eliminar o que já ficando desadaptado» — afirmou Aníbal de Castro.

É preciso, contudo, que as tradições se revivifiquem «incorporando valores novos que, com esta dinâmica, se tornam também tradição» — disse o mesmo professor.

Luis Alcolorado, da comissão organizadora das jornadas, salientou que o longo interregno de 11 anos em que se não realizaram os festejos da Queima das Fitas foi «muito corrosivo» das tradições académicas.

Depois de 1978 «foi necessário retomar todos os valores tradicionais e agora estamos a fazer o ponto da situação enquadrando os valores da academia de Coimbra numa perspectiva actual» — explicou Luis Alcolorado.

Outro estudante, João Cunha, sublinhou tratar-se de uma questão de identidade da academia esta de trazer a debate as suas tradições.

Nessas tradições tem havido quebras, derivadas do que chamou «fenómenos de corrosão permanente».

Os estudantes de Coimbra dos anos 60 «tiveram uma intervenção efectiva através do canto nos problemas estudantis» — salientou António Portugal.

António Portugal, membro do grupo de guitarras de Coimbra e um dos mais conceituados nomes daquela forma de

expressão, frisou que «hoje, pelo contrário, ouve-se um canto que não é deste tempo e que nalguns casos nem sequer procura sê-lo».

Colaborador íntimo de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, ligado à composição de temas como «Balada de Outono» e «Trova do Vento que Passa», António Portugal sustentou que «cada geração é sujeita do próprio destino» e questionou se «os estudantes de agora querem intervir através do canto».

«Não posso acreditar que os problemas dos actuais estudantes sejam o amor e a saudade, característicos dos anos 20» — observou.

Considerou louvável o esforço da juventude no retomar de determinados valores que estiveram em perigo, «mas criando e projectando para o futuro» — precisou.

Nestas jornadas, a segunda parte dos trabalhos foi integralmente dedicada à canção de Coimbra, com intervenções, entre outros, de Louza Henriques, António Portugal e José Miguel Baptista. □

O DIÁRIO P 15

Rui Alarcão defende tradição e inovação na Academia de Coimbra

O reitor da Universidade de Coimbra pediu à Academia que não perca tradições que a individualizam «e que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem».

O professor Rui Alarcão, que falava na abertura de jornadas sobre tradições académicas e canção de Coimbra integradas na queima das fitas, opinou que estes festejos devem manter o seu esquema tradicional «sem, contudo, se fecharem a inovações».

Tradição e inovação não são antagónicas, havendo, que articulá-las de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio — afirmou o reitor da Universidade.

«A capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos», considerou Rui Alarcão.

Como exemplo de uma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuais citou a canção de Coimbra, «que se mantém até pela capacidade de evolução, mesmo na qualidade das suas letras».

«Os estudantes de Coimbra

dos anos 60 tiveram uma intervenção efectiva através do canto nos problemas estudantis», salientou por sua vez António Portugal, membro do Grupo de Guitarras de Coimbra e um dos mais conceituados nomes daquela forma de expressão. Frisou que «hoje, pelo contrário, ouve-se um canto que não é deste tempo e que nalguns casos nem sequer procura sê-lo».

Colaborador íntimo de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, ligado à composição de temas como «Balada de Outono» e «Trova do Vento que Passa», António Portugal sustentou que «cada geração é sujeita do seu próprio destino» e questionou se «os estudantes de agora querem intervir através do canto».

«Não posso acreditar que os problemas dos actuais estudantes sejam o amor e a saudade característicos dos anos 20» — observou.

Considerou louvável o esforço da juventude no retomar de determinados valores que estiveram em perigo, «mas criando e projectando para o futuro», precisou.

Organização Estudantil
Queima das Fitas